

A ODISSÉIA DA REAPROPRIAÇÃO: A OBRA DE MOULOUD MAMMERI¹

Pierre Bourdieu

RESUMO

Este artigo reproduz uma conferência de Pierre Bourdieu sobre a obra do escritor e antropólogo argelino Mouloud Mammeri. O texto de Bourdieu foi lido in absentia no colóquio realizado em Argel sobre “A dimensão magrebina da obra de Mouloud Mammeri”. O Autor compara a relação de Mammeri com o Magreb, região do Norte da África, como uma “odisséia”, na qual essa peregrinação comporta dois momentos. O primeiro, de afastamento da cultura nativa, em direção à cultura universal universitária. O segundo, de reapropriação da cultura de origem através da investigação etnológica e de suas pesquisas sobre os antigos poetas cabilas. A descoberta de Homero e o investimento no trabalho etnológico sobre sua terra natal permitem a Mammeri ligar as duas pontas dessa viagem, graças ao resgate da cultura renegada através da cultura que impôs sua negação. O fim desse percurso equivale à confrontação com uma das modalidades da dominação simbólica, que é a vergonha de si.

PALAVRAS-CHAVE: Mouloud Mammeri; Magrebe; poesia; Etnologia; Homero; dominação simbólica.

Gostaria de estar em Argel para participar da homenagem prestada a Mouloud Mammeri² e sua obra, falando sobre aquilo que, a meu ver, constitui sua maior contribuição à cultura deste país.

Minha vontade seria mostrar, em poucas palavras, que a história da relação de Mouloud Mammeri com sua cultura de origem e sua sociedade pode ser descrita como uma odisséia, em

¹ Tradução de Luciano Codato, a partir do texto disponível na *internet*: <<http://www.homme-moderne.org/societe/socio/bourdieu/varia/odyssee.html>>. Revisão: Fábila Berlatto e Bruna Gisi. No original: L’odyssée de la réappropriation, mas publicado primeiramente em Argel, na revista semanal *Le Pays* (BOURDIEU, 1998 [2004]). De acordo com o tradutor para o inglês, Loïc Wacquant, o texto de Bourdieu foi lido *in absentia* no colóquio realizado em Argel sobre “A dimensão magrebina da obra de Mouloud Mammeri”. As notas a seguir são extraídas da tradução de L. Wacquant, publicada na revista *Ethnography*, v. 5, n. 4, p. 617-621, Dec. 2004. Revisão final: Adriano Codato.

² “Escritor prolífico, dramaturgo, poeta, lingüista, antropólogo de sua terra natal, Cabília, e dos povos de línguas berberes, Mouloud Mammeri nasceu em 1917, filho do governante de sua vila – situada nas montanhas – e poeta-sábio tradicional (*amusnaw*). Estudou em Argel, Rabat e Paris, onde se graduou em Literatura, em 1938, na Sorbonne. Depois de combater na II Guerra, ensinou francês no interior da Argélia e publicou seus primeiros ensaios sobre a cultura cabila e a questão colonial, adquirindo crescente reputação como escritor, especialmente por sua trilogia de ‘romances etnográficos’, *La colline oubliée* (1952), *Le sommeil du juste* (1955) e *L’Opium et le bâton* (1965). Esteve no Marrocos, em exílio forçado, durante a guerra de

libertação nacional, voltando para Argel em 1962, onde se tornou presidente da União dos Escritores Argelinos e professor de etnologia norte-africana e língua berbere na Universidade de Argel. Dirigiu, de 1969 a 1982, o Centro de Pesquisa Antropológica, Pré-histórica e Etnográfica, incentivando a ‘argelinização’ da pesquisa social e o desenvolvimento de estudos de campo sobre todas as etnicidades e regiões da Argélia, com ênfase maior nas culturas orais berberes e na cooperação interdisciplinar, apesar da crescente resistência das autoridades à pesquisa antropológica. Fundou, em 1985, o Centro de Estudos e Pesquisas da Cultura Amazigh (CERAM), em Paris, e sua revista *Awal* (“A palavra”), que Pierre Bourdieu ajudou a iniciar, concedendo a Mammeri uma entrevista intitulada ‘Du bon usage de l’ethnologie’ (BOURDIEU, 1985). Mammeri é autor de vários livros sobre a língua berbere – gramática, literatura, poesia, etnografia – e foi expoente liderança da resistência cabila à ‘arabização’ forçada de seu povo pelo Estado argelino, que impôs uma violenta repressão às revoltas populares nas últimas duas décadas. Com a morte de Mammeri, em 25 de fevereiro de 1989, vítima de um acidente automobilístico, Bourdieu publicou no *Le Monde* um texto em sua homenagem” (cf. BOURDIEU, 1989. Republicado na revista *Awal. Cahiers d’études berbères*, n. 5, p. 1-3, 1989) (Nota de Loïc Wacquant).

que um movimento inicial de afastamento, em direção a praias desconhecidas e sedutoras, é sucedido por um longo regresso, lento e cheio de perigos, à terra natal. Essa odisséia é, a meu ver, o caminho que todos os filhos de uma sociedade dominada, de uma classe ou região submetidas a sociedades dominantes, devem percorrer para encontrar-se ou reencontrar-se. Eis o que, a meu ver, torna exemplar o itinerário de Mouloud Mammeri.

O primeiro passo é, então, o movimento a ser feito para se apropriar da cultura, da cultura pura e simples, aquela que não é preciso qualificar e que aparece a si mesma como universal, aquela ensinada oficialmente nas universidades e que só se adquire ao deixar para trás muitas coisas, quase sempre a língua materna e tudo que lhe acompanha. Esse movimento de repúdio, de renegação, muitas vezes ignora-se como tal. Ele sempre é feito, em todo caso, com o consentimento daqueles que o fazem, associando-se a uma espécie de felicidade.

O processo poderia parar aí e são muitos que, integrados ao universo dominante, conhecidos e reconhecidos pela sociedade e pela cultura que eles reconhecem, nada mais lhes pedem. Mouloud Mammeri parte do ponto em que outros teriam se detido: escritor da língua francesa, ele se põe à escuta, agora, dos poetas forjadores, demiúrgicos (Homero usa várias vezes a palavra “demiurgo” para designar o poeta), guardando na memória as poesias que eles compõem, muitas vezes tão sofisticadas quanto as poesias dos simbolistas. Quem teve de pagar seu acesso à cultura legítima com uma espécie de morte simbólica do pai, liga-se de novo, então, à cultura paterna.

Pois essa cultura, tanto tempo reprimida, permanece um propósito contido de reabilitação e leva Mouloud Mammeri a interessar-se por ela. Ele continua preso aos modelos que o fazem buscar referências nobilitadoras nas figuras mais nobres da poesia ocidental, como Victor Hugo. Somente ao descobrir, por ocasião de nossas conversas³, uma figura de Homero que seus mestres acadêmicos não lhe podiam revelar, é que suas pesquisas sobre os antigos poetas cabilas e suas pesqui-

sas etnológicas deixam de se desenvolver em planos distintos. Um Homero reconstituído em sua verdade antropológica e, desse modo, arrebatado à irrealidade da ficção acadêmica, aproxima-se do *amusnaw* berbere, a quem Mouloud Mammeri confere uma forma de consagração indiscutível.

É longo, como se vê, o caminho até o reencontro da colina, por algum tempo esquecida⁴. O trabalho que, ao vencer a vergonha em relação à cultura de origem, conduz a sua reapropriação é uma verdadeira socioanálise, de que jamais se está seguro de ter sido inteiramente concluída. Isso porque a superação da negação inicial não pode tomar a forma de uma negação daquilo que determinou a própria negação inicial, isto é, de todas as fontes que a cultura dominante oferece. Toda a dificuldade do caminhar para a reconciliação consigo mesmo é que os instrumentos que permitem a reapropriação da cultura renegada são fornecidos pela cultura que impôs a renegação. O último ardil da cultura dominante consiste, talvez, no fato de que a revolta por ela suscitada arrisca proibir uma apropriação dos instrumentos que, como a etnologia, são condições da reapropriação da cultura de origem, cuja negação foi motivada pela cultura dominante.

Mouloud Mammeri soube escapar desse ardil. Foi um dos primeiros a reclamar o uso da etnologia, combinando seu trabalho pessoal de reapropriação de si mesmo com o empenho para desenvolver um trabalho coletivo de reapropriação de uma cultura esquecida ou reprimida.

Por certo não gostaria de reduzir a só um de seus aspectos uma obra essencialmente plural, múltipla, como a de Mouloud Mammeri, e ninguém se preocupa em protegê-la, mais do que eu, das tentativas de apropriação a que ficará sujeita. De todo modo, parece-me que a conversão pessoal que ele teve de realizar para reencontrar “a

³ Cf. o artigo Diálogo sobre a poesia oral na Cabília, no presente número da *Revista de Sociologia e Política* (Nota dos editores).

⁴ Referência ao romance mais conhecido de Mammeri, *La colline oubliée* (1952), que trata da subversão da cultura tradicional nas montanhas da Cabília, resultado da guerra e da invasão colonial. O romance foi adaptado para o cinema, em 1996, pelo diretor cabila Abderrahmane Bouguermouh, que deu ao filme o mesmo título. Ficha técnica: *La colline oubliée*, França/Argélia, 1996, 105 min. Direção de Abderrahmane Bouguermouh; fotografia de Rachid Merabtine; trilha sonora de Cherif Kheddami e Taos Amrouche; produção de CAAIC/IM Products Films/APW Tizi Ouzou.

colina esquecida”, para regressar a sua terra natal é, sem dúvida, aquilo que sobretudo ele quis compartilhar com todos, não apenas seus concidadãos, irmãos na repressão, na alienação cultural, mas

também com todos que, submetidos a uma forma qualquer de dominação simbólica, estão condenados a essa forma suprema do desapossamento que é a vergonha de si mesmo.

Pierre Bourdieu ocupou a cadeira de Sociologia no Collège de France, onde dirigiu também o Centro de Sociologia Européia e editou a revista *Actes de la recherche en sciences sociales* até sua morte em 2002. Ele é autor de vários livros clássicos em Sociologia e Antropologia, incluindo *La Reproduction: éléments d'une théorie du système d'enseignement* (com Jean-Claude Passeron; 1970), *Esquisse d'une théorie de la pratique* (1972), *La Distinction: critique sociale du jugement* (1979), *Homo Academicus* (1984) e *Les règles de l'art: genèse et structure du champ littéraire* (1992). Dentre seus estudos etnográficos estão: *Le déracinement: la crise de l'agriculture traditionnelle en Algérie* (com Abdelmalek Sayad, 1964), *Algérie 60: structures économiques et structures temporelles* (1977), *La misère du monde* (1993) e *Le Bal des célibataires: crise de la société en Béarn* (2002).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, P. 1985. Du bon usage de l'ethnologie. *Awal. Cahiers d'Etudes berbères*, n. 1, p. 7-29.

_____. 1989. Mouloud Mammeri ou la colline retrouvée. *Le Monde*, Paris, 3.mars.1989. Republicado na revista *Awal. Cahiers d'études berbères*, n. 5, p. 1-3, 1989.

_____. 1998 (2004). L'odyssée de la réappropriation. *Awal. Revue d'études berbères*, n. 18, p. 5-6. (Publicado primeiramente na revista *Le Pays*, Argel, 27.juin-3.juil.1992; republicado em inglês : *The Odyssey of Reappropriation. Ethnography*, v. 5, n. 4, p. 617-621, Dec. 2004).